

Eixo Temático ET-14-001 - Outros

OS STEKHLODERS PODEM CONTRIBUIR PARA O PROCESSO DE PERCEPÇÃO AMBIENTAL?

Clayton Angelo Silva Costa

Doutorando do Programa de Pós-Graduação da UFMG em Ecologia, Conservação e Manejo da Vida Silvestre | Docente Efetivo do CEFET-MG. E-mail: ecoclayton@ufmg.br ou E-mail: clayton2010@deii.cefetmg.br.

RESUMO

O sistema capitalista tem usado os mais diversos recursos naturais de forma demasiadamente expressiva. Essa realidade conduziu a sociedade contemporânea a uma crise ambiental de proporções nunca vista em quaisquer outras fases do referido sistema. Nesse sentido, a relação homem-natureza carece cada vez mais de atitudes e comportamentos calcados nos viés da sustentabilidade. Diante desse desenho, torna-se importante e necessário abarcar os conceitos de stakeholders e percepção ambiental em relação às ações de sustentabilidade a serem colocadas em práticas na aldeia global em que estamos inseridos. Para tanto, espera-se que os leitores possam manifestar reflexões a respeito da seguinte indagação: “Os stakeholders podem contribuir para o processo de percepção ambiental?”

Palavras-chave: Stakeholders; Percepção Ambiental; Sustentabilidade.

INTRODUÇÃO

A palavra inglesa stakeholder é a junção de outras duas palavras inglesas; stake e holder, as quais possuem várias traduções. Com a junção das palavras ora elencadas, tem-se como tradução “alguém que possui interesse”. No Brasil, o significado da palavra em questão é identificado por um grupo de pessoas ou organizações que estejam envolvidas em um dado projeto ou que são afetadas por este.

Nesse sentido, um dado projeto pode ser encarado e/ou sinônimo dos mais variados tipos de empreendimentos econômicos, tais como; a indústria automobilística, o agronegócio, as mineradoras etc. Assim, seus respectivos funcionários e os seus prestadores de serviços (os terceirizados) podem ser considerados como stakeholders. Segundo Sternberg (1999) define stakeholder como uma pessoa que tem a participação em algo que é desenvolvido por outros.

Além das pessoas envolvidas direta ou indiretamente ao processo produtivo dos setores econômicos, também, serem classificadas com stakeholders, ainda há um grupo de outras tantas pessoas que são afetadas pelas externalidades negativas ou pelos impactos ambientais provenientes das atividades econômicas. De acordo com Kezner (2009) define stakeholder como indivíduos ou organizações que podem ser impactadas favoravelmente ou não pelo projeto.

Então, os projetos podem ser vistos como parte representativa de segmentos econômicos ou propriamente a sua essência, como projetos de fato que vislumbrem a construção de usinas hidrelétricas, termelétricas, rodovias e etc. Na atual aldeia global

que a sociedade está inserida é cada vez mais corriqueiro abarcar projetos econômicos em prol da manutenção do sistema capitalista. Desse enredo emerge problemas ambientais de natureza diversas que serão direcionados a população, situação essa que pede a presença, a ação e a postura consciente de stakeholders que podem ser afetados pela poluição oriunda dos projetos econômicos. Na visão de Boutillier (2012) stakeholder é alguém que é afetado por uma empresa ou que pode afetar uma empresa.

Diante do universo de afetações e/ou os impactos ambientais que um dado projeto pode ofertar a sociedade, com problemas envolvendo as camadas da biosfera, torna-se importantíssimo que os stakeholders busquem construir uma identidade coesa para defender os seus interesses em comum. Pois, assim, o grupo pode ganhar força e consequentemente exercer pressão junto ao poder público com o intuito de traçar e apresentar medidas mitigadoras em relação à degradação ambiental.

Para tanto, perturbações ambientais podem surgir diante os constantes projetos que a economia global lança em vários países espalhados pelo planeta. Sendo assim, os vegetais e os animais como partes integrantes do significado de biodiversidade carecem de ações e práticas de sustentabilidade para reverterem o atual quadro negativo em que estão inseridos. Boutillier (2012) acredita que existem entidades, como a flora e a fauna, que podem ser prejudicados pela atividade humana.

OS STAKEHOLDERS: UMA EXTENSÃO PARA AS QUESTÕES DE SUSTENTABILIDADE?

O desenvolvimento econômico trás consigo uma bagatela de investimentos em setores distintos da economia e, estes, por sua vez acarretam problemas ambientais. Diante dessa linha de raciocínio o conceito de stakeholders pode ser compreendido como um grupo de indivíduos com identidade em prol da natureza, resvalando nas esferas do interesse, da complexidade de uma dada realidade e das partes envolvidas em detrimento de seus direitos.

Percebe-se que o conceito ora exposto é mais complexo por envolver três esferas distintas. A saber, tem-se a esfera do interesse embutida ao significado da palavra em questão, sendo necessário que as pessoas identifiquem e imprimam importância a um dado empreendimento econômico que prejudique a população em detrimento de suas externalidades negativas.

Em relação à esfera da complexidade envolvendo uma dada realidade, os interesses difusos entram em cena para protagonizar o processo de formação ou construção dos stakeholder. Friedman e Miles (2006) afirma que a própria organização deve ser pensada como um agrupamento dos interessados e o propósito da organização deve ser o de gerir os seus interesses, necessidades e pontos de vistas. Nesse contexto, é importante deixar claro ao grupo que todas as partes envolvidas em quaisquer projetos devem estar conscientes de seus respectivos deveres e direitos. A partir dessa conscientização, um ambiente de harmonia pode ser criado e o respeito em forma de direitos tende a prevalecer, resvalando de forma positiva na relação homem-natureza.

Dentre os vários setores da economia que podem ser enquadrados como um projeto, a mineração pode ser um exemplo clássico, já que este setor é capaz de ofertar problemas ambientais na atmosfera, na hidrosfera e na litosfera. Este cardápio de problemas pode ser o interesse em comum que alguns segmentos da sociedade podem verificar no território em que a mineradora realiza sua exploração dos recursos naturais. Diante a complexidade da realidade que envolve a atividade minerária, torna-se

importante identificar os atores que almejam o mesmo ideal, para futuramente, traçarem suas ações.

Pois é muito temerário acolher qualquer segmento representativo da sociedade para compor um grupo de stakeholders em detrimento das vontades adversas que cada segmento possa ter. Essa situação torna-se evidente a partir do momento em que três possíveis segmentos sociais vislumbrem compor o grupo ora mencionado. Caso os segmentos; a Associação do Comércio, a Secretaria de Meio Ambiente e a Associação dos Aposentados das Mineradoras tenham interesse em participar de um stakeholders não nos restará dúvidas quanto o real interesse a ser defendido por parte significativa deste último segmento. Já que alguns membros familiares possivelmente compõem o quadro de empregados das mineradoras.

E, por fim, tem-se a esfera dos direitos, sendo interessante deixar claro para os stakeholders que os direitos devem ser almejados para a sociedade presente e a futura diante a necessidade de legitimar a intervenção dos governantes na relação homem-natureza. Dessa forma os stakeholders podem imprimir pressão junto aos poderes públicos, criando assim, um ciclo importante em prol da sociedade. As influências e pressões para o desenvolvimento de soluções ambientais advêm de fontes mais dispersas e relacionais à empresa, ou seja, seus stakeholders (BANSAL e ROTH, 2000; PORTER e KRAMER, 2006).

Aproveitando o cenário hipotético da atividade mineradora apresentado anteriormente, torna-se evidente que os stakeholders podem contribuir com o processo de sustentabilidade. Pois suas esferas de formação: o interesse, a complexidade de uma dada realidade e, as partes envolvidas em detrimento de seus direitos, também, podem ser atreladas a projetos de cunho sustentável. Para que essa realidade seja implementada de forma efetiva é importante.

Contudo, os grupos de stakeholders podem contribuir com a introdução de projetos de sustentabilidade nas empresas uma vez que o processo de formação destes grupos, vão de encontro as praticas ambientalmente corretas, principalmente, quando o assunto é o meio ambiente. Sendo assim, uma nova terminologia pode ser empregada a tais grupos: os stakeholderes ambientais.

A PERCEÇÃO AMBIENTAL PODE CONTRIBUIR PARA O PROCESSO DE FORMAÇÃO DOS STEKHOLDERS?

A sociedade está cada vez mais atenta às questões que permeiam o meio ambiente. Nesse sentido, os indivíduos procuram se organizar em grupos na tentativa de buscar ações sustentáveis frente os diversos setores da economia. Esse desenho abre espaço para a formação dos chamados stakeholders ambientais e, conseqüentemente, exerce pressão nas empresas quanto à tomada de atitudes sustentáveis.

Além disso, o respeito empresa-sociedade é colocado em questão e um canal pode ser estabelecido no sentido de harmonizar a relação linha de produção – práticas sustentáveis. Do contrário, Costa (2005), diz que atitudes arrogantes ou auto-suficientes de empresas ou entidades em relação aos seus stakeholders tem sido motivo de grandes problemas e até de prejuízos de imagem ou financeiros para a organização.

Para que o sucesso dos stakeholders seja efetivo e tenha sucesso é necessário que os integrantes do grupo consigam compreender os problemas advindos das externalidades negativas que as empresas destinam a cidade onde estão instaladas. Essa

ação é primordial para que as esferas que englobam o significado da palavra stakeholderes sejam bem delimitadas e/ou delineadas.

Nesse sentido, entende-se que a percepção ambiental é um mecanismo inerente a relação do homem com a natureza. A percepção faz parte essência natural do ser humano em apreender o que está em sua volta, procurando codificar a sua realidade em relação à interpretação dos aspectos positivos e negativos. A percepção ambiental é tema que aborda a relação que a sociedade tem com seu meio natural e como ela está se relacionando com este meio (PALMA, 2005).

É importante salientar que o ser humano é capaz de utilizar seu aparato sensorial para interpretar a paisagem onde está inserido, mas de formas e maneiras diferentes entre si. Logo, a ferramenta percepção ambiental torna-se complexa a partir do momento que cada sujeito pode construir a leitura de um dado lugar de acordo com as suas percepções, sejam elas ecológicas, econômicas ou simplesmente estéticas (MELAZO, 2005).

Ainda assim, as percepções edificadas de maneiras distintas por cada indivíduo podem ser direcionadas ao campo do estímulo podendo ocorrer à formação de ideias e, conseqüentemente, a compreensão do espaço que vivemos. A edificação das ideias pode ser um constructo individual e/ou coletivo em detrimento aos valores culturais, éticos, morais etc em que cada um ou um determinado grupo tenha vivenciado em sua história de vida.

Deste modo, percebe-se que o processo de formação de um grupo de stakeholder pode contribuir com a percepção ambiental deste mesmo grupo. Em contra partida não há como afirmar que uma seqüência lógica seja estabelecida entre a percepção ambiental e os stakeholderes no sentido de qual aparecerá primeiro. Logo, pode-se afirmar que há um dialogo entre ambos no decorrer de todo o processo em que a ação dos stakholderes e da ferramenta percepção ambiental possam ser inseridos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante as reflexões que o artigo oferta, entende-se que a percepção ambiental pode contribuir com o processo de formação dos stakeholderes, pois a percepção pode ser considerada como um importante mecanismo quanto às tomadas de decisões que permeiam a relação homem-natureza. Para que a contribuição seja efetiva é importante que programas de educação ambiental sejam colocados em prática e que utilizem a percepção ambiental em seu enredo.

Através desse contexto os stakeholders e a percepção ambiental, juntos, poderão contribuir com a formulação de políticas públicas mais estruturadas. Podendo também, conceder suporte para as estratégias de mobilização em decorrência dos problemas ambientais vivenciados por uma dada sociedade.

A percepção ambiental inserida aos programas de educação com a participação dos stakeholders deve frisar a importância de cada indivíduo e a coletividade a perceberem os seus respectivos lugares de convivência. Assim, estes atores poderão interpretar, de forma mais evidente, as representações sociais em que estão inseridos. Conseqüentemente se reconhecerão como parte integrante da paisagem encurtando o caminho para exercerem a cidadania.

Logo, os programas de educação ambiental que trabalham a percepção ambiental em suas atividades, podem conduzir os stakeholderes para a realidade em que estão de

fato inseridos. Projetando assim, uma ideia de valorização da comunidade local, estreitando o entendimento das relações homem-natureza.

AGRADECIMENTOS

Os agradecimentos são direcionados ao CEFET-MG, por ter avaliado e apoiado este projeto de natureza científica, contribuindo com a constante projeção e manutenção desta instituição em seu processo contínuo pela busca do desenvolvimento científico.

REFERÊNCIAS

BANSAL, P.; ROTH, K., Why companies go green: a model ecological responsiveness. **Academy of Management Journal**, v. 43, n. 4, p. 717-736, 2000.

BOUTILLIER, R. **A stakeholders approach to issues management**. Nova York: Business Expert, 2012.

COSTA, E. A. **Gestão Estratégica**. São Paulo: 5. ed. Saraiva. 2005.

FERREIRA, A. B. H. **Novo Aurélio século XXI**: dicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FRIEDMAN, A. L; MILLES, S. **Stakeholders**: theory and practice. Oxford: Oxford University, 2006.

KEZNER, H. **Project Management**: a System Approach to Planning, Scheduling and Controlling. 10. ed. Hoboken: Jonh Wiley & Sons, 2009.

MELLAZO, G. C. A percepção ambiental e educação ambiental: uma reflexão sobre as relações interpessoais e ambientais no espaço urbano. **Olhares & Trilhas**, Ano VI, n. 6, p. 45-51, 2005.

PALMA, I. R. **Análise da percepção ambiental como instrumento ao planejamento da educação ambiental**. Porto Alegre: Escola de Engenharia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005. (Dissertação de Mestrado em Engenharia).

PORTER, M.; KRAMER, M. T. **Between competitive advantage and corporate social responsibility**. Harvard Business Review, Dec. 2006.

STERNBERG, E. **The stakeholder concecept**: a mistaken doctrine. Leeds: Foundation for Business Responsibilities, 1999.